

O SUJEITO DESEJANTE NA CONTEMPORANEIDADE*

Joel Birman**

I. De olhos bem fechados

No filme “De olhos bem fechados”, do cineasta Stanley Kubrick, a trama começa e se tece em torno de um sonho. Pode-se até mesmo afirmar que a narrativa cinematográfica em questão se polariza entre a possibilidade e a impossibilidade de sonhar, nos seus respectivos desdobramentos estruturantes e nas suas conseqüências trágicas para o sujeito. De qualquer maneira, é a função do sonhar para a existência humana que está sempre em pauta nesta construção fílmica exemplar, na contraposição cênica que se realiza entre as personagens masculina e feminina. São os impasses do sujeito desejante na contemporaneidade que se pretende aqui evidenciar, com a leitura deste filme magistral.

A principal personagem feminina da saga, mulher de um médico bem sucedido e que circula socialmente nas alta rodas da sociedade de New York, conta para o marido após uma festa como se sentiu provocativamente olhada e atraída por um homem, num hotel em que a família passava as suas férias no último verão. Ficou fascinada pelo desejo que o marinheiro lhe provocou, que lhe tirou o fôlego. Em decorrência disso, teve um sonho erótico com o tal homem que lhe revirou de ponta-cabeça. Afirmou, logo em seguida, que se aquele marinheiro, naquele dia, lhe convidasse para ir embora com ele não pestanejaria um só instante.

Tudo isso foi dito numa conversa bem insinuante na intimidade do casal, regada a muitas baforadas de maconha e molhada à álcool, na qual interpelava frontalmente o desejo do marido. Perguntava-lhe, então, o que sentia quando examinava as suas pacientes mulheres e principalmente quando palpava os seus seios. Indagava assim de forma desafiadora: “Você não sente nada? Não gostaria de transar com elas, ali mesmo, na hora da consulta? “Não consigo acreditar”, parecia dizer, enfim, a mulher no seu silêncio provocante.

* Este texto foi escrito à partir das notas que me orientaram na conferência que realizei na abertura do “II Seminário de Estudos em Análise do Discurso”, em 31/10/2005, no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

** Psicanalista, Professor Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Adjunto do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O marido, entre perturbado e perplexo, não entendia nada sobre o que se passava. Incitado a falar pela radicalidade do discurso da esposa, respondeu literalmente com declarações de amor eterno à mulher. Por isso mesmo, acrescentou, não desejava outras mulheres que sempre lhe seduziam ostensivamente, como ocorrera na festa. Dizia, além disso, que ela era linda e deslumbrante, não querendo saber de outras na sua vida, mas apenas dela.

Bêbada pelo álcool e excitada pela maconha, mas faminta de desejo, a mulher lhe escutava com um olhar de incredulidade. Porém, a conversa foi interrompida abruptamente por uma urgência médica, a morte de um paciente, tendo o marido que se retirar imediatamente. No entanto, o sonho e o desejo revelado da mulher por um outro homem lhe perturbou intensamente, retirando-o efetivamente do seu fio de prumo. No decorrer do filme esta cena do sonho erótico da mulher vai lhe acossar, lanhando o seu corpo e produzindo uma dor lancinante, na sua tentativa desesperada de controlar o desejo de sua mulher.

O filme se desdobra em torno desta cena fundamental, como efeitos em cascata desta problemática. Encontra-se aqui a espinha dorsal da fábula, em torno da qual a sua nervura se irradia como uma rede complexa, na qual se intrincam diferentes histórias paralelas. Estas se difratam, não obstante alguns dos seus pontos de cruzamento e de junção.

Perturbado, como já disse, o marido quer saber algo sobre o seu desejo, pois foi sobre isso que se centrou a interpelação da esposa. Passa então a persegui-lo no campo do real, de maneira ostensiva, sendo guiado para isso pela sua vontade, mas sem muita convicção interior. Age mais como um boneco de cordas no qual foi disparado o seu maquinismo, do que como um homem em carne e osso.

Busca então uma prostituta, que lhe convidou para ir à sua casa ao se cruzarem na rua. Porém, nada acontece, pela sua impossibilidade de transar. Contudo, como bom moço que é, paga automaticamente a conta, apesar da mulher não querer lhe cobrar. Em seguida, encontra um antigo colega de faculdade, que desistira dos estudos médicos para ser músico. Este lhe falou da existência de uma estranha festa onde iria tocar esta noite, que já estivera outras vezes e que nunca conhecera nada igual na sua vida. Fustigado pela curiosidade e pelo que se impunha a ele sobre o seu desejo, acabou por arrancar do amigo o endereço da

festa e a sua senha de entrada. Decidiu ir então, custe o que custar. Para isso, contudo, tinha que vestir uma fantasia. Passou a procurar uma loja de fantasia, pela madrugada e acaba por *alugar* uma fantasia para ir a festa.

Ao chegar lá, uma grande mansão luxuosa nas cercanias da cidade, descobre que a festa é uma grande suruba dançante, hetero e homossexual, todos nus e de máscaras, num cenário bem impactante. O estilo da festa é uma mistura entre sacanagem e sacralidade, no qual a nudez dos corpos roçantes se inscreve numa ambiência mística, onde se destaca no espetáculo a figura de um sacerdote-gurú. Acabou, contudo, por ser reconhecido como um intruso e ameaçado de morte. Alguém se oferece para morrer no seu lugar – uma mulher a quem ele tinha salvo de uma overdose, na festa inicial do filme -, sendo assim poupado. Saiu bastante assustado com tudo o que viu e com o que lhe aconteceu, evidentemente.

No dia seguinte descobre logo que o pianista tinha desaparecido, levado à força por homens estranhos e, provavelmente, morto pelos organizadores da festa lúgubre. Chocado, volta também à casa da prostituta. Descobre então, pela amiga com quem esta divide o apartamento, que ela tinha ido embora, pois descobrira que estava com AIDS. Em seguida, vai ao Instituto médico-legal da cidade, para confirmar as duas mortes que suspeitara terem ocorrido. No final de tudo, volta para a casa aterrorizado com tudo o que experimentara, compartilhando tudo isso com a esposa, com lágrimas de ambas as partes.

A narrativa deixa entrever que o jovem médico percorreu todas estas seqüências praticamente sem dormir, como se estivesse lançado sofregamente num *pesadelo* quase interminável. Contudo, entremeando este pesadelo axial as cenas do sonho erótico, de sua mulher transando, com um outro homem, lhe perseguiram e obsecavam, não lhe abandonando em nenhum momento, lhe impactando então também como um segundo pesadelo.

II. Desejo, fantasia e morte

Esta narrativa fílmica foi baseada num conto do escritor vienense Arthur Schnitzler, psiquiatra por formação mas literato por ofício. Foi contemporâneo do Freud, a quem este tinha muito respeito e admiração por sua obra. Freud chegou até mesmo a dizer que aquele tinha conseguido formular, com a simplicidade poética da ficção literária, coisas que tinham lhe exigido muito tempo de árduo trabalho científico. Reconhecia assim, na obra de

Schnitzler, a enunciação de muitas proposições da psicanálise que lhe encantavam, como se evidencia fartamente, aliás, neste conto.

Antes de mais nada, que existe uma dimensão *real* no sonho, que tem um efeito poderoso sobre o sujeito. Vale dizer, o sonho não é simplesmente um devaneio, um faz-de-conta, mas algo que remete o sujeito para algo da ordem do real. Duplo real, bem entendido, inscrevendo-se nos diferentes registros do *desejo* e da *morte*. No caso em questão este efeito se evidencia não apenas na figura da sonhadora mas também na do seu marido, que fica inteiramente subvertido com o relato da esposa. Isso porque o sonho é uma *realização de desejo*¹ do sonhador, que se inscreve na *realidade psíquica*², mesmo que não aconteça literalmente na *realidade material*.³ Foi este desejo que se apossou efetivamente da mulher que, se pudesse, o teria realizado no campo concreto da realidade. Porém, a evidência de que esta fosse possuída por tal desejo, dirigido para um outro homem, teve um efeito *traumático* sobre o marido, que se reconheceu então como destituído de sua possibilidade de desejar.

Tudo isso nos indica que para o sujeito desejar é preciso também *fantasiar*,⁴ sem o qual o desejo não se ordena e não se encorpa. O limite psíquico do personagem do médico se evidencia justamente neste ponto, pela pobreza de sua possibilidade de fantasiar. Não foi justamente isso que sua mulher lhe disse na interpretação que lhe dirigiu? Não era aquele excessivamente apegado à sua *identidade*, com efeito, exibindo muitas vezes na narrativa a sua carteira profissional de médico, para se experimentar no seu *descentramento* e multiplicidade *identificatória*?⁵ Excessivamente auto-centrado no seu eu, o marido não conseguia se lançar nas vertigens de sua fantasia e experimentar as sôfregas aventura do seu desejo.

Por isso mesmo, o marido foi buscar o seu desejo na realidade material, seja com a prostituta seja na suruba pós-moderna. Porém, para entrar nesta teve que ir em busca de uma fantasia para se enfiar, condição para a sua entrada. Alugou então literalmente uma fantasia. No entanto, vestir uma fantasia alugada não é a mesma coisa de tê-la

¹ Freud, S. *L'interprétation des rêves* (1900). Capítulo II. Paris, PUF, 1976.

² Freud, S. Idem, capítulo VII.

³ Ibidem.

⁴ Ibidem.

⁵ Freud, S. "Le moi et le ça" (1923). Capítulos II e III. In: Freud, S. *Essais de psychanalyse*. Paris, Payot, 1981.

incorporada, isto é, ser por ela habitado, mas uma mímese e uma simples *mise-em-scène*. Portanto, a fantasia emprestada que transveste o personagem em questão não tem a mesma potência de realização de desejo que a fantasia encorpada é capaz de engendrar, qual seja, *colocar à distância* a presença aterrorizante da morte. Enfim, as diversas mortes que corem em torno da figura do médico ao longo da narrativa, num curto intervalo de tempo, são a consequência desta lógica não desejante, que as articula de forma íntima.

Portanto, nesta surpreendente e inquietante narrativa de Schnitzler, se condensa de maneira genial o que é fundamental na concepção do sonho e do desejo, tal como foi formulado pelo discurso freudiano com a constituição da psicanálise.

III. Modernidade e pós-modernidade

“A interpretação dos sonhos” foi uma das obras maiores que inaugurou o século XX, sendo, além disso, emblemática do projeto da *modernidade*.

Isso porque o que se passou a acreditar, desde a passagem do século XVIII para o século XIX, com a Revolução Francesa, era de que poderíamos reinventar a sociedade em outras bases, pela transformação radical da antiga. Iniciou-se, assim, o ideário da *revolução*, que marcou a modernidade como uma totalidade. Além disso, com o Romantismo, que marcou toda a tradição literária e estética posterior no Ocidente, se esboçou a possibilidade de que poderíamos enunciar novas linguagens, que se realizaram efetivamente com as diferentes *vanguardas* estéticas desde então.

O que o discurso psicanalítico formulou foi o alicerce e o aquilhão destas potencialidades de transformação. Com efeito, com a tese fundamental de que o sonho é uma realização de desejo, Freud nos disse não apenas que o desejo estava no cerne do sujeito, mas também que era aquele que nos movia e nos dava alento para existir, me impelindo decididamente para a transformação do mundo e para a criação de novas linguagens.

No que concerne a isso, contudo, não estamos mais inseridos historicamente hoje no mesmo comprimento de onda. Estamos justamente, aqui e agora, lançados nos impasses evidenciados na passagem da modernidade para a pós-modernidade ou modernidade avançada. Não vou retomar aqui esta última distinção, que já trabalhei em outra ocasião na

sua relação com a psicanálise.⁶ O que me interessa destacar é a *pobreza* do desejar e do fantasiar, características do personagem masculino em pauta, que é *paradigmática* da contemporaneidade. Diante disso, a função do desejo, que é o de afastar e de proteger o sujeito da iminência da morte, está ostensivamente manca e em frangalhos. É justamente isso que se destaca no filme de Kubrick, no qual o dito personagem tenta encontrar no real a sua fantasia e o seu desejo, não titubeando em se enfiar com uma fantasia alugada e emprestada, e acaba por se chocar traumáticamente com o pesadelo e a morte.

Desde “A interpretação do sonho” Freud formulou a tese de que o sonho, como realização de desejo, protegia o sujeito e lhe permitia dormir. O sonho seria assim o *guardião* do sono.⁷ Caso contrário, a insônia se instituiria na sua terrificante presença, impedindo o sujeito de se descentrar e de se desgrudar do campo do eu, isto é, se entregar à perda do controle sobre si mesmo e se aventurar na experiência da inconsciência. Ou, então, caso o sujeito adormecesse sem a proteção do desejo a pulsão se imporá de forma brutal, sem qualquer rodeio e aquele acordaria impactado por um pesadelo terrificante, como ocorre, aliás, com o personagem do filme de Kubrick.

Parece-me, então, que mesmo que este tenha se baseado na estória de Schnitzler para construir o seu argumento, a narrativa de Kubrick tem outros acentos e indica um outro horizonte. Com efeito, o filme deste destaca as impossibilidades de desejar e do fantasiar hoje, onde a morte é onipresente, diferentemente do conto de Schnitzler. É o deserto do real pós-moderno, como nos disse Sizek, que se enuncia aqui com toda a eloquência e pregnância, em contraposição à narrativa de Schnitzler que ainda se ordena pelas relações entre desejar, fantasiar e sonhar.

Se quisermos fazer uma comparação com a modernidade, nos mantendo ainda no registro do cinema, o que se impõe como exemplo privilegiado é o contraste do filme de Kubrick com o “Último tango em Paris”, de Bernardo Bertolucci. No filme deste é a modernidade no seu ápice, com as suas inúmeras possibilidades de ruptura promovida pelo desejo, o que está em pauta. Poder-se-ia objetar que, na saga de Bertolucci, a impossibilidade do desejar se impõe no final do filme, através do personagem feminino. O medo da morte se delineou, com efeito, pela loucura que isso implicava na sua radicalidade.

⁶ Birman, J. A psicanálise e a crítica da modernidade. In: Herzog, R. *A Psicanálise e o pensamento moderno*. Rio de Janeiro, Contracapa, 2000.

⁷ Freud, S. *L'interprétation des rêves*. Op. Cit.

Porém, a figura da mulher banca a aventura erótica até um certo ponto, com volúpia, até que a morte lhe ameaça e ela recua, preferindo então matar à morrer. Afinal das contas, a figura do homem não lhe deixou ir embora, constringendo a sua liberdade de desejar. Enfim, a articulação íntima entre os registros do desejo e da fantasia se costuram intimamente na narrativa de Bertolucci,.

Podemos delinear agora o quadro do mundo pós-moderno, lançando tudo o que esbocei até aqui num horizonte social mais amplo, enfatizando-o nos registros coletivo e individual.

No registro coletivo, com efeito, vivemos num tempo histórico onde a *utopia* não tem mais lugar e que esta é até mesmo caracterizada como obscena pelo seu irrealismo. Isso se condensa na formulação de Fukuyama do que estaríamos no *fim da história*⁸. Vale dizer, a idéia de *sociedade* deixa de existir, reduzida que foi à idéia de *mercado*. Mercado neo-liberal, bem entendido, de regulação globalizada. Neste contexto anuncia-se o *fim das ideologias* em nome da ciência e da técnica, condições concretas de possibilidade que estas são para a produtividade do mercado. Em tudo isso, a *solidariedade* se esvazia como valor, na medida que aquela supõe a existência de uma sociedade e não a rivalidade absoluta do mercado, onde impera a lei do salve-se quem puder.

No registro individual isso se enuncia através das novas subjetividades. É o que vou indicar agora de maneira sumária, procurando analisar em filigrana algumas marcas presentes no sujeito da atualidade, na qual a figura do jovem médico do filme de Kubrick é uma condensação paradigmática.

IV. Mapeamento do mal-estar

Pode-se esboçar as modalidades existentes de subjetividade na contemporaneidade pelo mapeamento do *mal-estar* na atualidade. Para realizar isso vou tomar como ponto de partida as queixas das pessoas que procuram alguma forma de cuidado, seja este psicanalítico ou psiquiátrico. Tudo isso se encontra registrado nas publicações especializadas destas disciplinas, além de serem o tema recorrente de múltiplas conferências e seminários.

A leitura rigorosa da demanda de tratamento nos permite ordenar esta num *sistema classificatório*, ao qual algumas *categorias* se tornam *pregnantes* e outras se *esmaecem*.

⁸ Fukuyama, F. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

Vale dizer, algumas destas categorias são *positivadas* e outras *negativizadas*. A ordenação destas categorias indica a especificidade do dito mal-estar, em contraposição ao que existia na modernidade.

Esta, com efeito, se caracterizava pela presença da conflitualidade psíquica, que se estabelecia pelo contraponto cerrado entre os pólos da pulsão e da censura, de forma que as formações do inconsciente (sintoma⁹, sonho¹⁰, ato falho¹¹, lapso¹² e chiste¹³) eram as suas resultantes. Na atualidade, em contrapartida, a conflitualidade tende ao silêncio, na medida que entre o excesso pulsional e os processos de simbolização existe um *intervalo*, em decorrência da fragilidade destes últimos. Com isso, a intensidade pulsional busca a via direta da descarga, seja para o corpo seja para a ação, além de provocar inicialmente um transbordamento do sujeito, que começa a se representar sem domínio de si próprio. Afogado pelo excesso intensivo, enfim, o sujeito não se reconhece mais nos seus referenciais identificatórios.

Nesta perspectiva, o que a leitura acurada da demanda nos indica como pista é a presença pregnante das categorias de corpo, de ação e de intensidade, que são altamente positivadas nas narrativas clínicas. Em contrapartida, as categorias de pensamento e de linguagem tendem à negatividade e à ausência. É o que vou esboçar agora.

VI. Corpo

O corpo é sem dúvida o registro no qual o sujeito se reconhece hoje na sua máxima *vulnerabilidade*. É neste registro onde aquele se sente mais ameaçado na sua integridade. Por isso mesmo, a saúde é perseguida de maneira ostensiva, se transformando então no bem supremo do sujeito contemporâneo. Se o processo de *medicalização* do Ocidente, iniciado na viragem do século XVIII para o século XIX, passou a colocar a saúde como valor supremo no lugar anteriormente ocupado pela salvação,¹⁴ não resta qualquer dúvida também que este processo se radicalizou bastante na atualidade. Com isso, o *biopoder*

⁹ Freud, S. *L'interprétation des rêves*. Introduction. Op. Cit.

¹⁰ Freud, S. Idem. Capítulo VII.

¹¹ Freud, S. *Psychopathologie de la vie quotidienne* (1901). Paris, Payot, 1973.

¹² Freud, S. Idem.

¹³ Freud, S. "Jokes and their relation to the unconscious" (1905). In: *The Standard Edition of the Complete psychological works of Sigmund Freud*. Volume VIII. Londres, Hogarth Press, 1979.

¹⁴ Foucault, M. *Naissance de la clinique*. Paris, PUF, 1963.

então iniciado – que formulou que a *qualidade de vida da população* era a maior fonte de riqueza do Estado¹⁵ - se disseminou e se sofisticou bastante na contemporaneidade.

Neste contexto, sempre em nome da boa saúde que se identifica até mesmo com a noção de beleza, se articulam a estratégia do naturalismo médico com a do naturismo oriental, como se não existissem dissonâncias entre estes discursos. Se amalgamou, portanto, as exigências das biotecnologias mais avançadas com as práticas orientais do cuidado corporal.

Assim, das marchas diárias à ingestão regular de vitaminas e de anti-oxidantes, o sujeito contemporâneo procura implementar as suas energias corporais. Sem esquecer, é claro, dos exercícios regulares, de forma que as academias de ginástica se transformaram num dos santuários do mundo pós-moderno. Em seguida, é o *Spa* que se destaca como um segundo santuário, no qual as dietas fazem verdadeiras orgias. Ao lado disso, o sujeito atual busca massagens e exercícios orientais ritualizados, para se auto-centrar nos eixos de sua corporeidade.

Esta preocupação excessiva com a saúde, em decorrência da experiência da fragilidade corporal, se insinua também pelas formas negativas, nos quais o corpo falha e a saúde se desvanece. Assim, da síndrome da fadiga crônica, passando pela fibromialgia e pelo estresse, até à psicossomática, é sempre o corpo que está em questão na sua falibilidade. Esta, aliás, se destaca como uma nova especialidade clínica, ao mesmo tempo psiquátrica e psicanalítica. Não obstante o fato de que a psicossomática tenha sido inventada nos primórdios da psicanálise, com Freud, Ferenczi e Groddeck,¹⁶ foi apenas nos anos 70 e 80 que aquela se autonomizou e se institucionalizou como uma nova especialidade no campo da psicopatologia.

O que está em jogo aqui é que o excesso intensivo a que estamos hoje expostos, pela precariedade dos processos de simbolização, nos impede efetivamente de antecipar os perigos que o mundo nos oferece sob a forma de angústia-sinal¹⁷ e nos lança para a realização de descarga destas intensidades no registro do somático. A resultante disso são as perturbações psicossomáticas.

¹⁵ Foucault, M. *La volonté de savoir*. Paris, Gallimard, 1976.

¹⁶ Birman, J. *Enfermidade e loucura*. Sobre a medicina das interações. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

¹⁷ Freud, S. *Inhibition symptôme et angoisse* (1926). Paris, PUF, 1973.

Estas, como se sabe, se diferenciam marcadamente da histeria, na medida que a conversão histérica se constrói como uma cena e se ordena em torno de uma fantasia. O que implica em dizer que, na histeria, existe um rico imaginário em ação, que se conjuga com um complexo processo de simbolização. Nas diversas perturbações psicossomáticas, em contrapartida, é a descarga direta das pulsões sob o registro do somático, sem a mediação nem da fantasia nem da simbolização. Não existiria então cena no sintoma psicossomático, que se constrói então no deserto de qualquer erotização corporal.¹⁸

Pode-se reconhecer ainda a mesma coisa no que concerne a uma outra perturbação psíquica que é muito difundida na contemporaneidade, a saber, a síndrome do pânico. Esta, com efeito, é vivenciada pelas pessoas dela acometida como uma ameaça de morte, na qual a dispnéia, a taquicardia, os suores frios e a boca seca se conjugam para indicar a iminência da morte. Como se sabe, a dita síndrome do pânico foi descrita inicialmente por Freud, no final do século XIX, que a denominou de neurose de angústia.¹⁹ Na leitura proposta então por Freud o que estaria em pauta era justamente o *gap* existente entre o excesso intensivo e a precariedade dos processos de simbolização.²⁰ Por isso mesmo, considerava a neurose de angústia, em conjunto com a neurastenia, como uma neurose atual e não como uma psicose, sublinhando como naquele conjunto a simbolização não conseguia regular as intensidades excitatórias.²¹

VII. Ação

É ainda este excesso intensivo que se evidencia também no registro da ação. Com efeito, se aquele excesso não pode ser mediado pelos mecanismos de simbolização será inequivocamente descarregado como ação, se não for desdobrado no registro do somático.

Pode-se depreender disso que se os registros do corpo e da ação são os canais preferenciais para a descarga do sujeito, este preferiria descarregar pela ação ao invés do corpo, em nome da preservação da ordem da vida e do narcisismo.²² Desta forma, entre a

¹⁸ Birman, J. *Enfermidade e loucura*. Op. Cit.

¹⁹ Freud, S. *Qu'il est justifié de séparer de la neurasthénie un certain complexe symptomatique sous le nom de 'neurose d'angoisse'* (1895). In: Freud, S. *Névrose, psychose et perversion*. Paris, PUF, 1973.

²⁰ Freud, S. "Psychothérapie de l'hystérie" (1895). In: Freud, S., Breuer, J. *Études sur l'hystérie*. Paris, PUF, 1971.

²¹ Freud, S. "Pour introduire le narcissisme" (1914). In: Freud, S. *La vie sexuelle*. Paris, PUF, 1973.

²² Baudrillard, J. *La société de consommation*. Paris, Denöel, 1970.

implosão para o corpo e a explosão para o outro, o sujeito prefere *explodir* do que *implodir*, se é que tem quanto a isso alguma possibilidade de escolha.

Como se pode mapear isso?

Antes de mais nada, pelo incremento marcante da agressividade que se desdobra em violência na atualidade, que indica uma descontinuidade evidente em relação à modernidade. Assim, se o excesso intensivo se apresenta inicialmente como uma agitação disseminada que marca o campo social na atualidade, esta se desdobra logo em seguida como agressividade e violência. Estas são formas privilegiadas de descarga do dito excesso. Pode-se disso depreender porque a delinquência e a criminalidade se incrementaram tanto no mundo pós-moderno,²³ de acordo com os estudos de sociologia e de criminologia de forma que se pode registrar hoje, em escala internacional, a expansão das populações carcerárias. Ao lado disso, os crimes evidenciam uma nova feição, revelando uma crueldade inédita.

Em seguida, as perturbações da ordem da ação se evidenciam pelas compulsões. Estas são ações coartadas e que podem se realizar por diferentes modalidades de objeto, como se sabe. Na atualidade, contudo, se destacam as diferentes drogas, a comida e o consumo, como objetos privilegiados das compulsões.

Assim, do álcool ao fumo, passando pelas drogas ilegais e as drogas legitimadas pela medicina, a drogadicção contemporânea se dissemina a olhos vistos. Ao lado disso, a comida se transformou também numa compulsão, de forma que a anorexia e a bulimia se destacam como perturbações psíquicas importantes na atualidade. Finalmente, o consumo se transformou também numa compulsão, de maneira que o *Shopping Center* é um outro santuário do mundo pós-moderno.

O que se evidencia em todas estas manifestações psíquicas é que o sujeito procura se descarregar do excesso pulsional pela ação, mas esta descarga se realiza pela via da *passagem ao ato* e não do *acting out* (atuação). Isso porque, pela pobreza da simbolização presente no sujeito, as intensidades descarregadas não constituem uma cena no mundo, mas se descarregam de forma bruta (agressividade, violência e crime). Ou então, quando procura se descarregar mediante um objeto de regulação, como nas compulsões, este não dá

²³ Bauman, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

conta disso. Daí porque a ação é reiterada como compulsão e esta é uma ação coartada, porque ineficaz enquanto tal,²⁴ isto é, não consegue regular o dito excesso.

Portanto, diferentemente da atuação, na passagem ao ato não se trata de uma cena histórica, na qual o ser olhado pelo outro é fundamental para o sujeito que faz a sua *mise-en-scène*. Não existiria, pois, na passagem ao ato a ordenação de uma cena pelo registro da fantasia, nem tampouco qualquer simbolização está em jogo.²⁵

Pode-se afirmar então que o sujeito realiza uma passagem ao ato sobre o corpo, sob a forma de produção de sintomas psicossomáticos, e sobre o mundo, sob a forma da passagem ao ato e as compulsões.

VIII. Intensidade

Porém, o excesso intensivo conduz imediatamente o sujeito à condição de se sentir estranho a si próprio, subjugado que é pelo excesso que não domina. Este estranhamento lhe lança então numa experiência radical de *desposseção de si*. Esta é a condição de possibilidade de uma outra perturbação psíquica que se dissemina bastante hoje, qual seja, a depressão. A Organização Mundial de Saúde já se preocupa com o aumento de incidência desta perturbação psíquica na atualidade, colocando-a nas primeiras posições dentre as enfermidades mais frequentes na contemporaneidade.

A depressão hoje, contudo, não se manifesta mais como nos tempos de Freud²⁶ e de Abraham,²⁷ quando estes realizaram a metapsicologia da melancolia. Esta, com efeito, apresentava não apenas uma marca narcísica importante, mas também a presença latente da culpa face ao outro. A depressão hoje, em contrapartida, é caracterizada pelo *vazio*. Esta é uma das marcas cruciais do sujeito na atualidade.

IX. Pensamento e linguagem

Se o excesso intensivo não pode ser efetivamente regulado pelos processos de simbolização, é preciso que nos indagemos agora sobre a precariedade desses. Isso nos

²⁴ Birman, J. “Excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna”. In: *Cadernos de Psicanálise*. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, nº 17, 2004

²⁵ Idem.

²⁶ Freud, S. “Deuil et mélancolie” (1917). In: Freud, S. *Metapsychologie*. Paris, Gallimard, 1969.

²⁷ Abraham, K. “Esquisse d’une histoire du développement de la libido basée sur la psychanalyse des troubles mentaux” (1924). In: Abraham, K. *Oeuvres complètes*. Volume 2. Paris, Payot, 1973.

conduz inequivocamente ao exame das categorias que tendem a se tornar negativas no psiquismo contemporâneo, que fornecem a infra-estrutura da dita precariedade. Quero me referir agora ao pensamento e à linguagem, que são cruciais para os processos de simbolização.

Pode-se depreender facilmente que, nas diferentes perturbações psíquicas acima destacadas, que o pensamento se mostra senão ausente ao menos limitado nas suas possibilidades de funcionar. Caso contrário, o sujeito poderia se contrapor efetivamente à pregnância dos processos intensivos, para regulá-los e barrá-los nas suas vias de descarga. Além disso, se o pensamento funcionasse à contento os ditos excessos intensivos não teriam também sido incrementados.

Contudo, se o pensamento se impossibilita na sua ação, isto se deve também ao seu outro que se torna também precário. Vale dizer, a linguagem se mostra deficitária e empobrecida na sua forma de ser. Com efeito, além de se mostrar cada vez mais impregnada por imagens e principalmente de imagens de ação, indicando então a sua colagem aos registros da percepção e do espaço, o que se evidencia também é a pregnância assumida pelo eixo horizontal do discurso e a perda correlata do seu eixo vertical. Vale dizer, a linguagem assume uma característica marcadamente *metonímica*, perdendo assim o seu potencial *metafórico*. Daí porque o sujeito se apresenta hoje não apenas com o desejo à deriva, tragado que é pela viragem sensorial e dos objetos, como também precário nas suas possibilidades de simbolização, pelo estreitamento de seu potencial metafórico.

X. Espaço, tempo e trauma

Como na cartografia do mal-estar atual é o corpo, a ação e a intensidade que se destacam na experiência psíquica, em detrimento dos registros do pensamento e da linguagem, pode-se facilmente depreender disso, pela disposição das categorias que são positivadas e negativizadas, como existe uma evidente predominância da categoria do *espaço* sobre a do *tempo*.

Com efeito, é a temporalização dos processos psíquicos que está sempre em questão, em todas as modalidades de mal-estar que foram acima mapeadas. É a antecipação do que pode acontecer de perigoso no mundo que se mostra francamente precária hoje, de maneira que a experiência psíquica assume uma feição marcadamente espacial. É a temporalização que é a condição de possibilidade e a contrapartida do registro simbólico,

de forma que é a sua ausência e limitação que conduz o sujeito à uma espacialização inquietante.

O que nos indica uma outra característica marcante das perturbações psíquicas na contemporaneidade, qual seja, o seu caráter eminentemente traumático. As perturbações traumáticas são dominantes na atualidade. Isso porque não podendo o sujeito se antecipar ao perigo, pela produção da angústia-sinal, como nos ensinou Freud em “Inibição, sintoma e angústia”, passa então a ser atingido por aquele de maneira frontal e brutal.²⁸ Em decorrência disso, é o *trauma* que se instala no psiquismo, tomado que este é pela angústia do real.

Daí porque as psiconeuroses, marcadas que são pela conflitualidade e pela simbolização, tendem a se desvanecer hoje, face ao incremento significativo das perturbações traumáticas. Com o excesso pulsional que estas provocam, ao sujeito resta apenas as possibilidades da descarga e da passagem ao ato, seja sobre o corpo seja sobre o mundo, para não ser tragado pela voragem intensiva.

XI. Animalidade e eticidade

O que se impõe agora para mim é a exigência teórica de inscrever o que foi enunciado até agora, no registro metapsicológico, com uma oposição fundamental presente na experiência psíquica. Quero me referir agora as categorias de *dor* e de *sofrimento*, que podem nos evidenciar a dimensão ética do mal-estar contemporâneo.

O que proponho agora, como hipótese de trabalho crucial deste ensaio, é que as perturbações psíquicas da atualidade se caracterizam principalmente como dor e não como sofrimento, enquanto que na modernidade seria esta que seria dominante em relação à dor. Existiria, pois, uma *inversão* significativa entre dor e sofrimento no registro do mal-estar contemporâneo, evidenciando a existência de uma descontinuidade fundamental entre a modernidade e a pós-modernidade.

Não obstante nos valermos das palavras dor e sofrimento como se fossem sinônimos, nos discursos do senso-comum e do campo psicopatológico, os conceitos em questão tem diferentes marcantes, que devem ser destacados devidamente. Assim, a palavra dor, é a que se utiliza comumente nos diferentes discursos biológicos, enquanto que o

²⁸ Freud, S. *Inhibition, symptôme et angoisse*. Op. cit.

sofrimento é o que se enuncia nos discursos das ciências humanas e morais. O que implica em dizer, que a dor remete para os registros do organismo e da ordem vital, enquanto que o sofrimento reenvia para o registro da ordem ética. Vale dizer, o que está em pauta aqui, na oposição entre dor e sofrimento, é o contraponto entre *animalidade* e *eticidade*.

Nesta perspectiva, é possível enunciar que a dor é algo eminentemente *solipsista*, no qual o psiquismo se centra em si mesmo e abole qualquer demanda dirigida ao outro. Em contrapartida, o sofrimento é marcado pela *alteridade*, isto é, pelo qual o sujeito estabelece uma relação com o outro e delinea um horizonte de ordem intersubjetiva. Vale dizer, na experiência do sofrimento o sujeito faz um apelo e uma demanda ao outro, endereçando a este a sua dor, para que possa ajudá-lo a se cuidar e se defrontar com o que existe nesta de inominável. Portanto, o sofrimento implica numa *subjetivação* da dor, que é a contrapartida de sua simbolização. Estaria aqui, enfim, a transformação da animalidade em eticidade.

A interpretação que estou aqui propondo, portanto, pressupõe não apenas a diferença entre os registros da dor e do sofrimento, mas também a historicização destes sentimentos. De forma que estes não seriam atemporais e ahistóricos, como poderia supor uma psicologia ingênua e positivista, mas marcados pela história na sua tessitura íntima.

Portanto, na passagem da modernidade para a pós-modernidade existiria uma perda do potencial de eticidade da experiência psíquica, de forma que esta tenderia a se cristalizar no pólo da animalidade. Com isso, o movimento alteritário do sujeito se estreitaria no seu horizonte de sentido, tendendo a experiência psíquica para o pólo do solipsismo. Seria isso, enfim, que se condensaria na dominância da dor face ao sofrimento na atualidade, na medida que aquele não se subjetivaria e se inscreveria no registro simbólico.

XII. Discursos cruzados

Tudo isso nos conduz agora para uma leitura sumária e crítica de alguns intérpretes da atualidade, que confluem com as suas investigações para o que disse ao longo deste ensaio.

Assim, se Lasch insiste na existência hoje de uma *cultura do narcisismo*,²⁹ um dos seus enunciados teóricos cruciais é a perda da noção de história no imaginário contemporâneo, de maneira que a temporalização da experiência se desvanece e a espacialidade francamente se incrementa, em contrapartida.. Seria justamente esta

²⁹ Lasch, C. *The culture of narcissism*. New York, Worner Barner Books, 1979.

espacialidade que se condensaria no predomínio da imagem na experiência psíquica e que se desdobraria na disseminação do narcisismo como código cultural.

Pode-se aproximar esta interpretação de Lasch da contemporaneidade daquela que foi enunciada por Debord,³⁰ quando este caracteriza a nova sociedade, que já se constituía nos anos 60 e 70, como uma *sociedade do espetáculo*. Nesta, as imagens passam a dominar a cena social, na qual o auto-centramento psíquico do sujeito se conjuga com a estetização da existência. Com isso, a cena social se transforma numa cena teatral, onde o olhar e a especularidade passam a dominar a experiência psíquica.

É possível aproximar as diversas modalidades de mal-estar existentes na contemporaneidade daquilo que Adorno, Horkheimer e Benjamin denominaram de *barbárie*.^{31, 32} Com efeito, num mundo permeado pelos discursos da ciência e da tecnologia, assistimos a uma franca degradação e empobrecimento da experiência psíquica e social, de forma que o sujeito se espacializa na sua dor de existir e perde o seu horizonte ético intersubjetivo. A barbárie assume uma feição marcadamente solipsista, de maneira a esvaziar o potencial alteritário do sujeito.

Alguns autores que interpretam o imaginário da contemporaneidade, como Mattei, vão nos dizer que o sujeito atual seria marcado pela *barbárie interior*, como se poderia depreender das diferentes práticas sociais e discursivas.³³ Ao lado disso, Nancy vai nos dizer que assistimos hoje a uma ruptura significativa da nossa gramática civilizatória. Com isso, se anteriormente nos inscrevamos num mundo estaríamos agora lançados no *imundo*.³⁴

Ao lado disso, Sennett indicou como as transformações produzidas no processo de trabalho na pós-modernidade, levaram a uma impossibilidade do trabalhador planejar a sua existência num tempo longo e de ter que remanejar o seu horizonte existencial de acordo com os contextos sociais pontuais em que se inscreve no processo do trabalho. Com isso, a espinha dorsal do sujeito se quebra, provocando a *corrosão do caráter*. A palavra caráter aqui não tem uma conotação moral primária, não obstante os efeitos em cascata que isso

³⁰ Debord, G. *La société du spectacle*. Paris, Gallimard, 1992.

³¹ Adorno, T., Horkheimer, M. *Dialectic of Enlightenment*. New York, Herder and Herder, 1972.

³² Benjamin, W. "Sobre o conceito de história". In: Benjamin, W. *Obras Escolhidas*. S. Paulo, Brasiliense, 1986.

³³ Mattei, J. F. *A barbárie interior*. São Paulo, UNESP, 2001.

³⁴ Nancy, J. L. *la création du monde ou la mondialisation*. Paris, Galilée, 2002.

provoca inevitavelmente no plano da experiência ética. Isso porque o caráter seria aquilo que ordenaria o sujeito, como uma invariante que ordena e modela a existência deste como uma totalidade.³⁵

De qualquer maneira, o mal-estar acima descrito e seus personagens principais são constitutivos daquilo que Bauman denominou de *vidas desperdiçadas*.³⁶ Estas caracterizam uma parcela significativa das populações na pós-modernidade, na sociedade pós-industrial. São estas vidas desperdiçadas, colocadas à margem do espaço social pelo desemprego crescente produzido pela economia globalizada e regulada pelo projeto neo-liberal, que serão a matéria prima tanto para a delinquência e a criminalidade, quanto para a psiquiatrização pela mediação das neurociências.

Nesta perspectiva, a presença dominante do corpo, da ação e da intensidade nas perturbações psíquicas na atualidade, em detrimento dos registros do pensamento e da linguagem na experiência psíquica, nos permite indicar como a *vida nua* se contrapõe radicalmente à *vida qualificada*.³⁷ A espacialização da existência psíquica é a moldura da vida nua e a marca de sua animalização, enquanto que a vida qualificada se ordena no registro do tempo e no horizonte da história. Assim, se a dor é dominante face ao sofrimento, na medida que aquela não se subjetiva e não se simboliza, seria na medida que o *biopoder* e a *biopolítica*³⁸ agiriam com seus dispositivos pela despossessão do sujeito do seu capital da vida qualificada (*Bios*) e lhe lançaria no registro da vida nua (*Zoo*). Esta seria a vida animal e não a vida qualificada regulada pelos valores da *polis*, de forma que o espaço social e político contemporâneo tende para o modelo do campo de concentração,³⁹ que se manifesta nas formas atuais de organização urbana.

Portanto, é possível depreender agora como a psiquiatria biológica e as neurociências se destacam hoje no cenário das práticas terapêuticas das perturbações psíquicas, em detrimento franco da psicanálise. Isso porque se as primeiras se inscrevem no registro da animalidade e do solipsismo psíquico, a segunda se funda no potencial alteritário do sujeito. Se as primeiras se centram na dor, a segunda aposta na subjetivação desta, sob a forma da sua transformação em sofrimento. Enfim, a psiquiatria biológica e as

³⁵ Sennett, R. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro, Record, 1999.

³⁶ Bauman, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

³⁷ Agaben, G. *Homo Sacer*. Paris, Seuil, 1997.

³⁸ Foucault, M. *La volonté du savoir*. Op. Cit.

³⁹ Agaben, G. *Homo Sacer*. Op. Cit.

neurociências são instrumentos fundamentais não apenas para a produção da vida nua, mas também para a desorganização da vida qualificada, ocupando uma posição crucial no dispositivo do biopoder na atualidade.

Assim, se a *negatividade* é a condição não apenas da linguagem e do pensamento, mas também da história, como nos ensinaram Hegel⁴⁰ e Lacan⁴¹, pela desrealização das coisas e a produção metafórica dos símbolos, o *negacionismo* atual seria justo o oposto disso. O que caracteriza o sujeito na atualidade é o negacionismo marcado pela passividade. Neste contexto, o “eu prefiro dizer não”, repetido monotonamente como um estribilho pelo personagem Bartebi, de Melville, nos oferece um exemplo paradigmático do sujeito na atualidade.⁴² Foi este mesmo personagem, enfim, que foi figurado de forma magistral no filme do Kubrick, descrevendo de maneira exemplar a pobreza do desejo e da fantasia no mundo pós-moderno.

⁴⁰ Hegel, G. W. *La phénoménologie de l'esprit*. Volumes I e II. Paris, Aubier, 1941.

⁴¹ Lacan, J. “Fonction et champ du parole et de la lnagage”. In: Lacan, J. *Écrits*. Paris, Seuil, 1966.

⁴² Sobre isso, vide: Deleuze, G. *Critique et clinique*. Paris, Minuit, 1993.